

Dos dois lados do espelho: diálogos com um bairro cultural
através da intervenção urbana

Pedro Costa
Ricardo Lopes

Dezembro 2016

WP n.º 2016/04

DOCUMENTO DE TRABALHO

WORKING PAPER





DINAMIA'CET

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE A MUDANÇA
SOCIOECONÓMICA E O TERRITÓRIO
ISCTE-IUL

Dos dois lados do espelho: diálogos com um bairro cultural através da intervenção urbana

Pedro Costa *

Ricardo Lopes **

WP n.º 2016/04

DOI: 10.15847/dinamiacet-iul.wp.2016.04

1. INTRODUÇÃO: AS ABORDAGENS PARTICIPATIVAS COMO FERRAMENTA PARA ANÁLISE DAS DINAMICAS CRIATIVAS NO ESPAÇO URBANO	4
2. O ENQUADRAMENTO DA PESQUISA: AS DINÂMICAS CRIATIVAS NOS BAIROS CULTURAIS E O CONFLITO E A INFORMALIDADE COMO MOTORES DA VITALIDADE ARTÍSTICA E DA REVITALIZAÇÃO URBANA.....	7
3. INTERVENÇÕES E APROPRIAÇÕES ARTÍSTICAS EFÉMERAS: 3 CASOS EM ANÁLISE	10
3.1 Espaços Liminares	11
3.2 Bairros Como Nós.....	16
3.3 Beyond Visible	25
4. ALGUMAS NOTA CONCLUSIVAS: INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS EFÉMERAS, ABORDAGENS PARTICIPATIVAS NA INVESTIGAÇÃO E CONTRIBUTOS PARA O PLANEAMENTO URBANO	31
BIBLIOGRAFIA	34

* Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), DINAMIA'CET - IUL, Lisboa, Portugal pedro.costa@iscte.pt
(Corresponding author).

**Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), DINAMIA'CET - IUL, Lisboa, Portugal.

Dos dois lados do espelho: diálogos com um bairro cultural através da intervenção urbana

RESUMO

As intervenções artísticas em bairros culturais podem ser uma boa forma de compreender as múltiplas camadas de usos, codificações e segregações que afectam estes espaços urbanos e que contribuem para a sua vitalidade quotidiana. Da mesma forma, estas intervenções artísticas permitem complementar e testar na prática muitos dos resultados obtidos pelos processos de investigação mais “convencionais” utilizados na pesquisa sobre esses territórios, permitindo um diálogo a diferentes níveis com as comunidades locais, e deslocando o foco das ferramentas conceptuais e analíticas do investigador para o próprio objecto de estudo.

Neste artigo, os autores apresentam um conjunto de três intervenções urbanas que desenvolveram no Bairro Alto em Lisboa, durante três anos consecutivos, em articulação com um programa de pesquisa sobre dinâmicas criativas em bairros culturais de diversas cidades, as quais lhes permitiram desenvolver novas heurísticas para a sua pesquisa e aprofundar a reflexão sobre o potencial da intervenção artística na relação com a comunidade e o conhecimento do território.

Estas experiências exploraram abordagens participativas baseadas em diferentes disciplinas artísticas, permitindo testar um conjunto de ideias em relação às lógicas de apropriação do espaço, às dinâmicas de liminaridade e de conflito, e à capacidade de vitalização urbana.

KEYWORDS: Abordagens participativas artísticas; Meios criativos; Informalidade; Bairros culturais; Espaço público; Intervenções artísticas informais

On the both sides of the mirror: dialogues with a cultural quarter through urban intervention

ABSTRACT

Artistic interventions in cultural quarters can be a good way to understand the multiple layers of uses, coding and segregation that affect these urban spaces and that contribute to their everyday vitality. Similarly, these artistic interventions enable us to complement and to test in practice many of the results obtained by more “conventional” research processes used in the study of these territories, allowing a dialogue at different levels with local communities, and shifting the focus of the conceptual and analytical tools from the researcher to the own subject of study.

In this article, the authors present a set of three urban interventions that they have developed in Bairro Alto in Lisbon, during three consecutive years, in conjunction with a program of research on creative dynamics in cultural quarters of several cities. This program allowed them to develop new heuristics for their research and to further reflection on the potential of artistic intervention in the relationship with the community and the knowledge of the territory.

These experiences explored participatory approaches based on different artistic disciplines, allowing testing a set of ideas in relation to the logics of appropriation of space, to the dynamics of liminality and conflict, and to the capability of urban revitalization.

KEYWORDS: Artistic participatory approaches; creative milieus; Informality; Cultural quarters; Public space; Informal artistic interventions

1. INTRODUÇÃO: AS ABORDAGENS PARTICIPATIVAS COMO FERRAMENTA PARA ANÁLISE DAS DINAMICAS CRIATIVAS NO ESPAÇO URBANO

As intervenções artísticas na esfera pública podem ser uma boa forma de compreender os múltiplos *layers* de usos e de segregação existentes nos complexos organismos que são as cidades. Em particular, certas áreas urbanas, como os bairros culturais, apresentam um potencial acrescido para a análise destas dinâmicas. Com efeito, estes são normalmente bairros que se consubstanciam em contextos urbanos caracterizados por uma maior informalidade e abertura à diferença, os quais são preponderantes para a expressão da diversidade e da liminaridade, aspectos particularmente interessantes para as intervenções artísticas, caracterizadas muitas vezes pela transgressão, pela diferenciação e distinção, e, também, portanto, ao limite, pelo conflito (Costa e Lopes, 2013, 2015). Pequenas iniciativas que se desenvolvem de uma maneira informal e efémera por artistas (ou investigadores...) que escolhem a cidade como palco para o seu trabalho, explorando as fronteiras ambíguas e flexíveis entre os espaços públicos e privados, podem ser particularmente interessantes, evidenciando a multiplicidade de acontecimentos e os habituais conflitos verificados em ambientes criativos, mas sendo igualmente importantes para equacionar a valorização dos aspectos mais vernaculares destes lugares e para colocar em causa ou em discussão perspectivas de aprofundamento dos processos de gentrificação ou de massificação cultural.

Este artigo apresenta um conjunto de práticas que permitiram aos autores discutir no/com o terreno, esta relação entre intervenções urbanas, informalidade e apropriação de espaços da esfera pública, explorando a forma como certas dinâmicas artísticas informais podem contribuir para a revitalização urbana e para o desenvolvimento de “verdadeiros” ambientes criativos, que conservem a capacidade de fornecer genuinidade, sem cair na turistificação ou na mera mercantilização, material ou simbólica. É complementar a um outro artigo (Costa e Lopes, 2016), no qual são explorados mais directamente os efeitos ao nível do desenvolvimento urbano e das dinâmicas criativas resultantes das intervenções realizadas e as lógicas de apropriação da esfera pública e de conflito de interesses a elas associadas. Neste artigo, por seu lado, explora-se mais directamente a questão associada à utilização destas metodologias e, mais em geral, o potencial de abordagens participativas centradas na intervenção urbana como ferramenta de pesquisa para a análise das dinâmicas criativas no espaço urbano.

São apresentadas e analisadas neste artigo três intervenções urbanas que exploraram abordagens participativas baseadas em diferentes disciplinas artísticas (fotografia, instalação, arquitectura, artes performativas, intervenção urbana), desenvolvidas no Bairro Alto, o “principal” bairro cultural de Lisboa, Portugal, durante três anos consecutivos, em articulação com um programa de pesquisa mais amplo sobre dinâmicas criativas em bairros culturais de diversas cidades. Estas

intervenções permitiram aos autores desenvolver novas heurísticas para a sua pesquisa e aprofundar a reflexão sobre o potencial da intervenção artística na relação com a comunidade e na co-construção de conhecimento sobre o território.

Em Setembro de 2010, no âmbito de um projecto de investigação na altura em curso sobre dinâmicas criativas e formas de governança urbana em diversas cidades (o projecto Creatcity), realizou-se a primeira destas pesquisas baseadas na abordagem participativa. *Espaços Liminares*, devolvia à cidade, através de uma exposição fotográfica, alguns dos resultados do trabalho de campo realizado nesse projecto de investigação, então desenvolvido em três bairros culturais, em Lisboa, Barcelona e São Paulo, incluindo o próprio Bairro Alto. Mas em simultâneo pretendia explorar e testar os limites entre o espaço público e o privado, numa antiga loja devoluta há vários anos, reintroduzindo-a nas dinâmicas citadinas e criando um novo “spot” na esfera pública do bairro. Durante 10 dias foi desenvolvida uma intervenção neste espaço abandonado/expectante, tematicamente centrada na exposição fotográfica sobre a apropriação de espaço público em bairros culturais, mas focada igualmente em debates, concertos e outras demonstrações artísticas que permitiram, através do confronto entre investigadores e público, não só apresentar resultados mas também confrontá-los (e discuti-los) com os mesmos. Nesta mesma linha, todas as intervenções desenvolvidas em seguida viriam a seguir essa linha estratégica de articulação entre sociedade e academia, no sentido de promoção do diálogo com a comunidade acerca dos resultados obtidos no processo científico, mas também no sentido de envolvimento do público e destinatários finais do resultado da pesquisa na própria construção dos resultados do processo científico.

Em Dezembro de 2011, foi desenvolvida a segunda intervenção artística em análise. *Bairros como nós*, inserindo-se nas comemorações institucionais do aniversário do Bairro Alto, propunha mostrar e confrontar os seus utilizadores com dinâmicas similares às existentes no bairro sem nunca o mostrar - utilizando fotografias de bairros “similares” (que os autores estavam a estudar em paralelo) em diferentes cidades: Barcelona, São Paulo, Istambul, Paris, Seattle, Florença, Copenhaga, São Francisco, Berlim e Londres. Coladas em 15 fachadas, explorando os limites difusos da “pele” dos edifícios, entre público e privado, as fotos criavam um percurso que surpreendia os utilizadores e transeuntes que caminhavam no bairro. A intervenção não tinha um período fixo de duração e permanência nas paredes da cidade, jogando com as próprias noções de efemeridade e de informalidade. Além de explorar aspectos artísticos, estéticos e os limites entre público e privado, a exibição pretendia criar um sentido crítico nos observadores que eram levados a pensar em dinâmicas e acontecimentos quotidianos do seu bairro a partir de uma perspectiva diferente, ou nem tanto, da que estavam habituados (p.e., os conflitos associados à animação nocturna, a questão da videovigilância, ou as dinâmicas informais de sociabilidade).

Em Dezembro de 2012 realizou-se a última intervenção desta série aqui em análise, intitulada *Beyond Visible*. O *happening*, que seguia os conceitos explorados nas intervenções anteriores (como as relações entre espaço público vs privado; público vs *artwork*), tinha como conceito chave explorar a ideia dos diferentes *layers* de codificação existentes nos ambientes criativos, neste caso apenas a partir da realidade específica do Bairro Alto. Assim ao longo de uma noite, os transeuntes que caminhavam pela rua eram convidados a entrar no espaço mobilizado para o efeito (novamente um espaço “em transição”, a aguardar licenciamento camarário) e a “construir” a sua própria exposição, através do seu percurso individual por um espaço de descoberta semio-cultado, sem segregação de pessoas ou de práticas. Ao longo da exibição, os visitantes eram surpreendidos por várias intervenções artísticas, de diversos tipos, que culminavam no seu próprio envolvimento como objecto fotográfico, passando dessa forma a fazer parte da intervenção artística – não só como espectador e elemento participante, mas também como objecto exibido.

Com efeito, se por um lado, estas intervenções artísticas efémeras introduziram na cidade novos espaços de uso público, em locais públicos e/ou privados, trazendo-os para a esfera pública, e criando “novas” zonas que voltaram a ganhar uma utilidade (mais ou menos temporária) na cidade, contribuindo para a vitalidade e centralidade simbólica da área; por outro lado, as intervenções realizadas permitiram complementar e testar na prática muitos dos resultados obtidos pelos processos de investigação mais “convencionais” utilizados na pesquisa sobre esses espaços urbanos, possibilitando um diálogo a diferentes níveis com as comunidades locais, e deslocando o foco das ferramentas conceptuais e analíticas do investigador para o próprio objecto de estudo.

As abordagens participativas artísticas são aqui entendidas como uma forma de construção de conhecimento em que se operacionalizam metodologias de terreno que envolvem processos de criação estética em que os investigadores e as pessoas que, do ponto de vista “tradicional”, constituem os “objectos” da pesquisa, cooperam entre si para a construção e teste dos resultados do próprio corpo da investigação. O processo epistemológico não está aqui portanto, como ocorre tradicionalmente, centrado sobretudo no investigador e nos quadros teórico-analíticos por este mobilizados, mas antes os sujeitos da investigação assumem uma maior relevância, esbatendo-se as tradicionais assimetrias nestes papéis e assumindo-se formas mais equilibradas de construção de conhecimento. O veículo da criação (e da muitas vezes indistinta fruição) artística, permitindo a cooperação entre “investigadores” e “objectos” da pesquisa, possibilita explorar a experiência urbana e as consequências / causas das dinâmicas urbanas associadas a essa mesma intervenção artística de forma inovadora, procurando obter resultados dificilmente obtíveis com abordagens mais “clássicas”.

Tendo em conta este quadro geral, após uma breve contextualização deste trabalho em torno da problemática das dinâmicas criativas nos bairros culturais e do Bairro Alto em particular, que se realiza na próxima secção, são depois analisadas mais em detalhe as três intervenções artísticas

realizadas, reflectindo sobre os seus objectivos, resultados e impactos, para por fim serem enunciadas algumas ilações a extrair destas experiências e apontadas algumas potencialidades e desafios destas abordagens para o conhecimento das dinâmicas urbanas e para o planeamento urbano.

2. O ENQUADRAMENTO DA PESQUISA: AS DINÂMICAS CRIATIVAS NOS BAIROS CULTURAIS E O CONFLITO E A INFORMALIDADE COMO MOTORES DA VITALIDADE ARTÍSTICA E DA REVITALIZAÇÃO URBANA

A investigação aqui apresentada desenvolveu-se num quadro mais amplo de pesquisa, que tem preocupado os autores deste artigo nos anos mais recentes, em torno da relação entre bairros culturais, “meios criativos”, espaço público, intervenções artísticas e a sua relação entre conflito e informalidade como motores da vitalidade artística e revitalização urbana (cf. Costa, 2007, 2008, 2009, 2012, 2013, 2015; Costa e Lopes, 2011, 2013, 2015; Lopes, 2012, 2015; Costa et al, 2008, 2011).

Certos bairros, um pouco por todo o mundo, têm a capacidade de se afirmar como centros da criatividade e da vida cultural das cidades onde se encontram (Scott, 2000; Costa et al, 2008). Estes “bairros criativos” são zonas onde fervilha a oferta cultural e artística, da mais “convencional” à mais “alternativa”, mas são também espaços de encontro e sociabilidade, de grande vitalidade urbana, onde a arte e a cultura estão normalmente associadas à boémia e à vida nocturna (O’Connor e Wynne, 1996, Scott, 2000; Costa, 2007, Cooke e Lazzeretti, 2009).

Os bairros culturais caracterizam-se por um atmosfera “criativa” e uma aura simbólica particularmente interessante para discutir as questões da vitalidade artística. Independentemente da sua diversidade, quanto às suas origens e características (Bell e Jayne, 2004), apresentam um conjunto de factores que os caracterizam e contribuem para a sua vitalidade. A diversidade e complexidade destes sistemas territoriais é muitas vezes apontada como base para a sua resiliência e para a capacidade de desenvolverem mecanismos de governança específicos e atributos simbólicos próprios que contribuem para a sua sustentabilidade (cf Scott, 2000; Costa, 2007, 2012, 2013, Costa e Lopes, 2013, 2015). Muitas vezes localizados em zonas históricas e/ou funcionalmente obsoletas das cidades, mas com potencial de (re)afirmação simbólica e material acentuado, desenvolvem-se de forma essencialmente informal e pouco planeada, articulando diferentes usos e utilizadores. Os espaços da esfera pública tornam-se os locais privilegiados para a tensão e conflitos tão característicos de territórios marcados por usos, ritmos e tempos tão dispares entre si (cf. Costa e Lopes, 2015). A esfera pública assume-se frequentemente como espaço liminar, marcado pela transgressão e pela expressão (social e individual) do “*self*” que vê nestes territórios locais importantes de (auto) afirmação dentro dos meios artísticos. Tornam-se assim estes territórios importantes para a produção e fruição artística, que até em grande

parte dos casos podem já não se desenvolver nestes locais (Costa e Lopes, 2011), continuando contudo estes territórios a assumir-se como importantes nós de convivialidade e sociabilidade, vitais para a construção de reputação, legitimação e para mecanismos de *gatekeeping* (Becker, 1982, Di, Maggio, 1987, Caves, 2002, Borges e Costa, 2012, Costa, 2012) nos respectivos mundos da arte e em cenas culturais mais ou menos específicas (cf, para o caso do Bairro Alto, Costa, 2015). Diferentes interesses e motivações, geram os tradicionais conflitos de uso verificados nestas áreas, a vários níveis, entre utilizadores e residentes, utentes diurnos/nocturnos, residentes tradicionais/recentes (incluindo *new gentrifiers*), actividades culturais tradicionais/novas, mas também, naturalmente, os decorrentes da actividade criativa em si mesma, transgressora por natureza (Costa, 2007, 2008; Costa e Lopes, 2013, 2015). Contudo são esses conflitos que permitem retardar os processos de gentrificação em territórios que devido às suas características e centralidade se tornam rapidamente alvo de processos de recomposição social e de transformação profunda ao nível das suas actividades económicas, mantendo-os assim mais próximos das suas características identitárias mais propícias às dinâmicas culturais e criativas (Costa e Lopes, 2013, 2015).

São territórios que pela sua diversidade e abertura se tornam tradicionalmente mais cosmopolitas, tolerantes (e portanto, abertos à liminaridade e a menores níveis de controlo social) e onde dinâmicas informais ganham espaço para se desenvolverem, gerando espaço para novas possibilidades criativas, não raro longe dos principais espartilhos e lógicas comerciais e económicas. A esfera pública, nomeadamente aquela situada na negociação e intermediação entre o público e o privado, território de limites muito difusos e dispares na sociedade actual (cf, Lopes, 2012) torna-se a arena privilegiada para este tipo de intervenções contribuindo para a forte identidade local destes bairros.

Estas dinâmicas aqui brevemente enunciadas, que nos permitem entrever a relação entre bairros culturais, esfera pública e “meios criativos”, em particular o papel do conflito e informalidade como motores da vitalidade artística, podem ser apreendidas com um pouco mais de mais detalhe em Costa e Lopes, 2016 (secção 2). Da mesma, forma, e como pode ser também visto no mesmo artigo (secção 3), a própria evolução das lógicas de intervenção artística na esfera pública propiciou um maior potencial de utilização destas intervenções nestes contextos territoriais. À medida que as práticas artísticas foram abandonado as fortalezas da arte sacralizada e se foram aproximando de um trabalho mais próximo, e mesmo, crescentemente dialogante, com a matéria urbana, no seio de diversas correntes artísticas, esse papel ficou crescentemente facilitado (cf Costa e Lopes, 2016) e as intervenções urbanas na esfera pública foram-se propiciando como sujeitos activos para uma reflexão como aquela a que nos propomos neste texto.

Neste quadro, e antes de avançarmos, importam umas breves palavras sobre o contexto territorial das experiências efectuadas. Com efeito, o caso do Bairro Alto, em Lisboa, é bem

paradigmático da realidade acima enunciada, como temos tido oportunidade de defender (p.e., Costa, 2007, 2008; 2009, 2013, 2015; Costa e Lopes, 2011, 2013, 2014, 2015). Desde as suas origens no século XVI, quando representou a expansão da cidade para fora das suas muralhas, o Bairro Alto tem-se afirmado e mantido, como um espaço de transgressão e de informalidade, apesar de todas as suas mutações e reconfigurações, articulando-se com o lado mais institucional do adjacente Chiado (originalmente dentro das muralhas), marcando durante séculos o panorama artístico Lisboaeta (Costa, 2007, 2008, Costa e Lopes, 2015).

O Bairro Alto que se “afirma” e torna mais visível como bairro cultural nos anos 80 do século passado encontra-se actualmente num claro processo de gentrificação e massificação (cf Costa 2007, 2013, 2015; Costa e Lopes, 2015), à imagem aliás do que se passou em outros bairros culturais por todo o mundo (cf. Costa e Lopes, 2013). A crescente valorização simbólica do bairro por uma população mais massificada e o fenómeno de forte turisficação emergente em Lisboa nos anos mais recentes têm contribuído para alteração e "mainstreamização" desta zona da cidade, que se encontra numa clara sobre-carga de públicos, audiências e utilizadores (cf Costa, 2013). O sistema produtivo local encontra-se em permanente renovação e reinvenção (desde há décadas, numa lógica de crescente diversidade dos sistemas de produção e consumo cultural), sendo actualmente um bairro mais orientado para o consumo cultural (lojas de design e imagem alternativa, consumo estético e animação nocturna) do que para a produção e criação, bem como um importante nó de convialidade (Costa 2007, 2013, 2015; Costa e Lopes, 2015). As suas características morfológicas, urbanísticas e tipológicas, bem como os conflitos de uso e externalidades negativas verificadas (ruído, falta de estacionamento, congestionamento rodoviário,...) têm contribuindo para um certo controle e abrandamento do processo de gentrificação (cf p.e., Costa e Lopes, 2015; Costa, 2013). Contudo a diversidade de residentes, utilizadores e actividades, que se encontram em constante alteração ao longo do dia, contribuindo para o ambiente heterogéneo e tolerante do bairro, tem vindo a ser desafiada nos últimos anos, com potenciais impactos para actividade cultural. O claro aumento do preço do solo tem sido traduzido em impactos sociais e económicos como a substituição de residentes e actividades, acompanhado por uma saída-relativa de parte de actores criativos que se expandem territorialmente para áreas envolventes como São Paulo, Cais do Sodré ou o Intendente (Lopes, 2015, Costa, 2015).

Contudo, e apesar das alterações que se têm verificado, o Bairro Alto mantêm-se como local de produção/exibição artística fundamental na cidade de Lisboa e como nó de convialidade de extrema importância para o processo artístico em Portugal. As suas características próprias, bem como o interesse que estas têm há anos levantado à investigação desenvolvida pelos autores, conduziram a que a escolha deste território fosse imediata como a arena escolhida para a experimentação dos processos de criação artística / investigação analisados neste trabalho.

3. INTERVENÇÕES E APROPRIAÇÕES ARTÍSTICAS EFÉMERAS: 3 CASOS EM ANÁLISE

Na sequência da análise continuada dos “meios criativos” e dos bairros culturais, resumidamente enunciada na secção anterior, os autores sentiram a necessidade de explorar abordagens participativas baseadas em diferentes disciplinas artísticas (fotografia, instalação, arquitectura, artes performativas, intervenção urbana) com o objectivo de testar um conjunto de ideias em relação às lógicas de apropriação do espaço, às dinâmicas de liminaridade e de conflito, e à capacidade de vitalização urbana, associadas à intervenção artística em espaço urbano.

Um ponto de partida natural foi a adopção de abordagens *site-specific*, balizadas nos movimentos vanguardistas dos anos 60, primeiro desenvolvidas em espaços convencionais de exibição por artistas como Robert Morris ou as performances e *happenings* desenvolvidos em espaços informais da cidade de Allan Kaprow ou de grupos como os *Fluxos*, que pensadas para o local de intervenção permitiam confrontar e estudar dinâmicas e ritmos estabelecidos no território (Traquino, 2010; Lopes, 2012; Costa e Lopes, 2013). Interrogando e provando reacções em residentes e utilizadores, estas actuações contribuíram decisivamente para ir inserindo na cidade novos espaços de uso público, públicos e privados, que se tornaram em espaços da esfera pública, mesmo que por apenas alguns dias ou horas, contribuindo para o *mix* de *happenings* quotidianos.

As três intervenções em análise, estabelecendo-se longe dos tradicionais cânones de mediação artística e do espartilho do licenciamento ou restrições municipais, permitiram uma abordagem diversa de dinâmicas culturais e académicas mais “institucionalizadas” e assim fomentar a discussão em torno dos temas em estudo.

O contexto de pesquisa continuada nesta zona da cidade facilitou a realização de abordagens *site-specific* embrenhadas com o território que “provocassem” os residentes e utilizadores do Bairro Alto a fazer parte da experimentação. O envolvimento e discussão com *stakeholders* locais, em particular relacionados com a comemoração dos 498º e 499º anos do Bairro Alto, promovidas por a Câmara Municipal de Lisboa (CML) e a Associação de Comerciantes do Bairro Alto (ACBA), no contexto dos quais os investigadores se envolveram, a par de múltiplas outras entidades, permitiu o quadro institucional favorável à implementação de uma lógica de pesquisa participativa em que investigador e objecto de investigação se articulam num território de experimentação.

3.1 Espaços Liminares

A intervenção *Espaços Liminares*¹ marcou o início desta série de intervenções exploratórias. Foram as premissas relatadas anteriormente que levaram os autores, em Setembro de 2010, no âmbito do projecto de pesquisa *Creatcity*², a não desenvolverem “apenas” uma “tradicional” exposição de fotografia (com o objectivo de lhes permitir devolver alguns dos resultados da sua pesquisa à comunidade) e partirem para uma intervenção artística na cidade, trazendo para a esfera pública de forma mais complexa trabalhos que tradicionalmente se mantêm no meio académico e realizando a primeira abordagem participativa em análise, dando assim continuidade ao seu objecto de estudo.

*Espaços Liminares*³, pretendia explorar os limites entre o espaço público e o privado de uma antiga loja fechada há vários anos, reintroduzindo-a nas dinâmicas citadinas e criando um novo “spot” na esfera pública do bairro. Durante 10 dias foram desenvolvidos, em paralelo com a exposição fotográfica, resultado da pesquisa decorrente de uma abordagem visual (cf: Costa e Lopes 2015), sobre apropriação de espaço público em bairros culturais, debates, concertos e outras demonstrações artísticas. Previam-se na programação três debates (“O futuro do Bairro Alto”; “Espaço público e criatividade”, e “Olhar os bairros criativos – encontro com os fotógrafos”), contudo ao longo dos dias e de uma forma informal o debate alargou-se, entre conversas, a diversos participantes da intervenção. Os “Lama” protagonizaram, através de uma performance criada para o efeito, a banda sonora da inauguração. Pela intervenção passaram ainda durante outros dias os “Pinto Ferreira” e o DJ MD Azevedo, entre outros que sem “aviso prévio” se atreveram a tocar no sofá do espaço. Uma foto de grandes dimensões colada em uma das paredes do espaço foi deixada à intervenção de curiosos e artistas que a reinterpretaram e transformaram de uma forma livre e espontânea, dando uso às tintas, pincéis e *sprays* disponibilizados.

As fotografias eram representativas de espaços da esfera pública, do Bairro Alto, da Gracia e Vila Madalena, e das múltiplas formas como estes são apropriados, marcados e experienciados pelas diversas camadas sociais que os vivem e usam quotidianamente. Libertos de grandes espartilhos estéticos ou formais, cada um dos cinco fotógrafos procurou dar a sua leitura pessoal sobre a vivência e a transformação destes bairros a partir dos seus espaços públicos, e sobre como eles serão ou não

¹ <http://espacosliminares.blogspot.pt/>

² A análise aqui efectuada insere-se no quadro mais amplo da investigação desenvolvida pelos autores no âmbito do projecto *CreatCity*, no qual se estudam as raízes, as formas e a governança das “dinâmicas criativas” em diversos contextos urbanos em três cidades: Lisboa, Barcelona e São Paulo. Para mais informação sobre o projecto (*CreatCity – A governance culture for the creative city: urban vitality and international networks – PTDC/AUR/65885/2006*) consulte-se o site respectivo: <http://creaticity.dinamia.iscte.pt/>, bem como Costa, 2013

³ *Espaços Liminares* foi realizado no âmbito do projecto *Creatcity* no Bairro Alto em Setembro de 2010, e em Novembro do mesmo ano na Gracia, em Barcelona. Autores, Ana Roldão, Cristina Latoeira, Pedro Costa, Ricardo Lopes e Samuel Dias.

(ainda?) a expressão da criatividade artística e da vitalidade urbana em cada uma destas três metrópoles.

O ponto de partida para o projecto foi o local onde este se iria desenvolver e o modo como este iria interagir com esta zona da cidade. Após um levantamento de diversos espaços “expectantes” para uma possível intervenção, desde apartamentos para alugar a antigos espaços comerciais (entre eles uma farmácia, um talho, uma taberna), optou-se por utilizar um espaço expectante de licença de restauração (onde posteriormente pudemos encontrar um restaurante de cozinha de autor), algo raro no Bairro Alto por se encontrarem “congeladas” há vários anos (e serem rapidamente transaccionadas as existentes), para desenvolver a intervenção. Localizado junto a uma das entradas mais importantes do bairro, no extremo Sul da Rua do Norte, permitiria que os transeuntes que entrassem no bairro, a partir do Largo do Camões, fossem “convidados” a fazer parte da intervenção. O edificado de arquitectura Pombalina encontrava-se à época em elevado estado de degradação. Após contactar o proprietário e explicar-lhe que gostávamos que desenvolver uma intervenção que não degradaria o seu imóvel, e que até, pelo contrário, poderia contribuir para a sua revitalização e criação de valor, mesmo que de forma temporária – ele aceitou apoiar a intervenção artística.

As características arquitectónicas do interior do edifício, apesar de preservadas nos pisos superiores, encontravam-se bastante alteradas no piso térreo onde se desenvolveu a intervenção. O espaço servia à época de armazém de materiais de construção civil da empresa detentora do imóvel, enquanto aguardava por licenciamento camarário para iniciar as obras de remodelação do que viria a ser posteriormente uma estrutura para habitações de curta-duração. O piso térreo, de elevado pé-direito, oferecia uma imagem “congelada” entre o passado e futuro, do que viria a ser aquele edifício. Assim, à semelhança de intervenções “*site-specific*”, os autores propuseram-se a desenvolver uma intervenção adaptada ao espírito do lugar, tendência que nos últimos anos tem sido explorada por equipas de criativos, não só com fins artísticos, para a reconversão de inúmeros espaços expectantes por todo o mundo (cf. Lopes, 2012).

A janela de consideráveis dimensões na fachada permitia que o interior estivesse em constante contacto com o exterior contribuindo para criar curiosidade nas pessoas que circulavam na rua e gradualmente decidiam “invadir” aquele “tradicional” espaço privado e participar na exposição construída com andaimes e antigas portas que se encontravam armazenadas no interior da loja. Andaimes que aguardavam o começo das obras de recuperação do edificado e antigas portas que outrora dividam os espaços de habitação, e que tinham chegado ao final do seu ciclo naquele imóvel, visto que não iriam ser utilizadas no novo projecto, e que ganharam uma nova função no período expositivo. Uma zona com sofás, algumas cadeiras, e uma antiga televisão, simulava um cenário de uma casa que dava as boas vindas a quem olhava para dentro pela janela, num sentido claro de invasão de privacidade, convidando os “passantes” a decidirem juntar-se às discussões diárias que existiam no

local sem qualquer tipo de formalidade. O som de fundo da performance musical que os “Lama” desenvolveram de uma forma espontânea, com ritmos e sons do bairro, sem grande ensaio ou programação, no dia da inauguração (e cuja gravação se reproduzia em loop nos dias seguintes) emanava para a rua, explorando o conceito de limites, entre interior e exterior, que em muitos casos podem não ser quebrados apenas de forma física mas através de sons, luzes, cheiros, por alguma coisa que de certa forma altere as características dos espaços internos ou externos.

Ao longo dos dias a permeabilidade e as barreiras foram diminuindo, e a rua, a tradicional sala de estar do Bairro Alto, perante a ausência de espaços de estar dimensionados à escala das pessoas que acorrem ao bairro, extrapolou para o espaço da intervenção passando este a pertencer à esfera pública da cidade.

Intervenção “Espaços liminares” (Bairro Alto, R. Norte, Set. 2010)



Figura 1.1



Figura 1.2



Figura 1.3



Figura 1.4



Figura 1.5



Figura 1.6



Figura 1.7



Figura 1.8

3.2 Bairros Como Nós

Na sequência dos conceitos desenvolvidos em *Espaços Liminares* e em continuidade com o trabalho levado a cabo pelos autores, em Dezembro de 2011, foi desenvolvida a segunda intervenção artística. *Bairros como nós*⁴ propunha mostrar aos utilizadores do Bairro Alto dinâmicas similares às nele verificadas, sem nunca o mostrar – utilizando fotografias⁵ de bairros “criativos” em diferentes cidades, um pouco or todo o mundo: Grácia (Barcelona), Vila Madalena (São Paulo), Beyoglu (Istambul), Marais (Paris), Capitol Hill (Seattle), Oltrarno (Florença), Indre By e Norrebro (Copenhaga), Haight e Russian Hill (São Francisco), Kreuzberg SO 36 (Berlim) e Brick Lane (Londres). Coladas em 15 fachadas, explorando os limites difusos da “pele” dos edifícios, entre público e privado, as fotos de grande dimensão (2mx1,3m) criavam um percurso que surpreendia os utilizadores e transeuntes que caminhavam no bairro⁶.

⁴ <http://bairroscomonos.blogspot.pt/>

⁵ As fotografias foram realizadas no âmbito de abordagens fotográficas que os autores levaram a cabo em diferentes bairros “criativos” e boémios, em articulação com a análise efectuada no âmbito de um programa mais vasto (Costa e Lopes, 2013).

⁶ Esta exposição ao ar livre foi complementada por uma outra, realizada em paralelo, sobre o mesmo tema (pelos mesmos autores, ao mesmo tempo, num espaço de exposições mais convencional – a Casa da Imprensa, também nas imediações do Bairro Alto). No entanto, nenhuma referência explícita foi feita em cada uma destas imagens ao ar livre para essa exposição, nem para as outras fotos dessa intervenção urbana, as quais foram dispostas em certas paredes, a fim de que fossem encontradas “aleatoriamente” pelos passantes. Nesse mesmo

A Intervenção desenvolveu-se num bairro onde desde 2008 têm sido aplicadas medidas de “higienização” e sido “apagadas” ou “limpas” diferentes camadas de *graffitis* e cartazes difusores de informação, incluindo alguns trabalhos de autores de reconhecido nome internacional no campo da street art (Campos, 2007), que marcavam a imagem desta zona da cidade. Esta é também a zona onde, em contraponto, é criada a primeira intervenção da Galeria de Arte Urbana por parte da CML que pretendia criar uma galeria de *street art* em espaços institucionalizados ao ar livre da cidade (veja-se a este respeito Costa e Lopes, 2014).

Foi nesse contexto que os autores propuseram explorar a temática da legitimação e reputação associadas a uma nova mercantilização da arte que acontece no espaço público (Costa e Lopes, 2015), após o convite da organização do “Dia do Bairro Alto” (iniciativa comemorativa do aniversário do estabelecimento do Bairro, neste caso, do seu 498º aniversário, dinamizado por uma *task force* mobilizada pela associação de comerciantes local e algumas entidades municipais), que lançou o repto a diversos artistas para intervirem de diferentes formas (cada artista era livre para desenvolver a proposta que entendesse) culturais nesta zona da cidade. Procurou-se com a intervenção proposta pelos autores questionar o limite público/privado de uma fachada, os processos de legitimação associados a intervenções artísticas, bem como o sentido crítico dos utilizadores do bairro através da arte, tanto quanto ao modo de intervenção quanto à mensagem do objecto exposto, que remetia para o confronto com a sua própria realidade.

Contudo colocava-se a questão de como desenvolver uma iniciativa, mesmo que legitimada por um centro de investigação, e a convite de uma associação local e com suporte municipal, que aparentemente iria contra a ideia que os moradores e as entidades responsáveis tinham para as práticas e para a imagem do bairro. Por parte das entidades responsáveis pela manutenção da higiene pública ou outra entidade camarária não seria possível obter uma autorização para a apropriação, naturalmente, e esta foi mais uma vertente desafiante do projecto, no confronto com a sua legitimação pelos actores locais. Nesse sentido, e assumindo a informalidade da intervenção, falou-se directamente com os proprietários dos edifícios onde se pretendia colar as fotografias, os quais responderam de forma favorável à iniciativa lançada. Em sentido inverso foi a acção das entidades responsáveis pela fiscalização deste tipo de actividades no bairro (Polícia Municipal), as quais tentaram interromper a iniciativa com a proibição da realização da intervenção e a ameaça de coima, durante a noite de “colagem-inauguração” do evento, mesmo perante o relato atento do reporter da rádio TSF⁷ que acompanhava os autores durante a noite em que foram coladas as fotografias. Não obstante este percalço, e assumindo performativamente o carácter de transgressão que a iniciativa queria explorar,

espaço mais “convencional” foi ainda organizada um evento mais “académico” em torno da temática (conferência “Bairros como nós”, com R. Lopes, C. Latoeira, S. Dias, J. Seixas, W. Rodrigues e R. Campos, organizada pelo DINÂMIA’CET-IUL, na Casa da Imprensa, Lisboa, 16 de Dezembro 2011).

⁷ http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx?content_id=2180994

foram coladas todas as fotografias pretendidas “controlando” a supervisão dos agentes que circulavam pelo bairro. O momento da colagem das fotografias fica marcado por outras experiências e troca de ideias entre os autores e transeuntes que perante a abordagem-acção ficavam interrogados com a iniciativa, contribuindo inclusivamente para construir o processo ideológico ou para dar conselhos de técnicas para ser mais difícil a “polícia” ou outros utilizadores se apropriarem da foto. Num espaço público cada vez mais mercantilizado pelas autoridades que o regulam (como à época se verificava frequentemente na Praça Luís de Camões, à entrada do bairro, frequentemente cedida e apropriada para eventos comerciais e actividades culturais e políticas mais institucionais), o actuar numa fachada de um edifício, mesmo que com a autorização dos proprietários, revelou-se claramente uma experiência percebida como inapropriada e condenável pelas autoridades reguladoras (o que não é naturalmente alheio à política de forte controlo da expansão da street art e em particular do graffiti na zona à época, como pode ser constatado em Costa e Lopes, 2014).

A intervenção não tinha um período fixo de permanência, o material efémero em que as fotografias estavam impressas, e o modo como estavam coladas à parede, não permitiam que se mantivessem por muito tempo. O facto de a intervenção entrar em disputa num espaço com regras próprias dentro da cidade, mesmo que ilegais, associadas à colagem de cartazes de divulgação de eventos culturais ou como tela para outro tipo de intervenções (*p.e. graffiti*), contribuía para a efemeridade da iniciativa. Como consequência, algumas fotos desapareceram passadas algumas horas, enquanto outras, pelo contrário, se mantiveram por um longo período, não perdendo o seu carácter efémero, mas permanecendo, tal como aconteceu com uma foto de um jovem pendurado numa janela em Brick Lane, Londres, que se manteve no local onde foi colada por mais de um ano. O desenrolar da acção em torno desta fotografia foi aliás, bastante curioso e exemplar: o proprietário do imóvel (um estabelecimento de restauração) criou um sentido de forte identidade perante a foto que o levava a mantê-la com um enorme orgulho. Isto apesar das constantes apropriações que a parede e a foto sofriam por parte de *graffiters*; contudo se a parede envolvente era pintada por ele a cada novo *tag*, a fotografia manteve-se como um retrato da acumulação de *layers* de uma parede do Bairro Alto.

A efemeridade deste tipo de acções que escolhe a cidade como pano de fundo é entendida por quem desenvolve este tipo de intervenções na cidade como algo efémero e que se encontra vulnerável à intervenção de outros utilizadores que se apropriam do objecto artístico. Quer através da sua observação, alterando o cenário em que o “objecto” se insere, ou intervindo directamente na peça.

Além de explorar aspectos artísticos e os limites entre público e privado, a exibição pretendia ainda criar, através do seu conteúdo específico, um sentido crítico nos observadores que eram levados a pensar em acontecimentos diários do bairro a partir de uma perspectiva diferente. Os transeuntes e utilizadores do bairro eram confrontados, através destas imagens (sem explicação, que não uma discreta legenda com o local respectivo e autores, geralmente não notada pelos seus observadores) com situações correntes e problemas com os quais lidam quotidianamente no “seu” bairro cultural. Uma foto da Grácia, em Barcelona, é disto um bom exemplo – representava os protestos dos residentes contra os excessos da animação nocturna, um conflito de uso comum neste tipo de bairros; ou uma outra foto, colada na janela de edifício “emparedado” na Rua da Rosa, que mostrava um rosto feminino “congelado a espreitar à janela” – à imagem de muitos edifícios na cidade de Lisboa e que contribuem para uma cidade com menor vitalidade; ou ainda um *graffiti* fotografado em Vila Madalena que passou para a parede da Travessa da Boa Hora; ou a panóplia de câmaras de vigilância da Praça Taksim (Beyoglu, Istambul) numa das entradas do Bairro - questionado os limites da privacidade de quem entra no bairro, uma das zonas da cidade onde actualmente existem câmaras de vigilância (e onde esse debate, na altura, fortemente se fazia sentir). Assim, criar um sentido crítico através da arte é outro dos aspectos importantes que as intervenções artísticas e este tipo de trabalhos académicos podem ter quando se desenvolvem na esfera pública⁸, independentemente de serem, naturalmente, interpretadas de maneira diferente pelos diferentes observadores.

⁸ O *graffiti* e o stencil tem-se afirmando uma das vozes mais activas da população contra as externalidades nos últimos anos, em Portugal – veja-se p.e. o trabalho de Miguel Januário (aka “+”, ou “Mais Menos”)



Figura 3. Intervenção “Bairros como nós”, Bairro Alto, Dezembro 2011



Figura 3.1



Figura 3.2



Figura 3.3

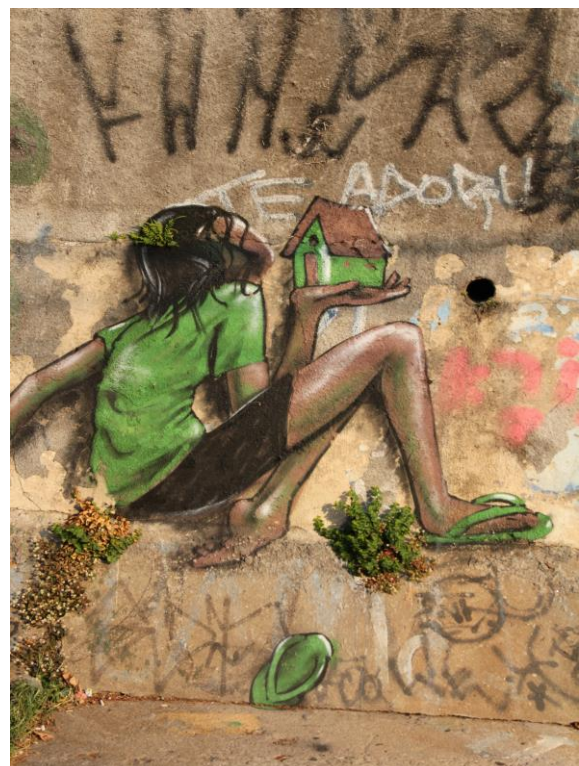


Figura 3.4



Figura 3.5



Figura 3.6



Figura 3.7



Figura 3.8

3.3 Beyond Visible

Em Dezembro de 2012 realizou-se a última intervenção em análise, intitulada *Beyond Visible*⁹. Em paralelo a este evento, horas antes do início da intervenção propriamente dita, decorreu na Galeria Zé dos Bois (ZDB), um debate interdisciplinar subordinado ao mesmo tema, que contou com a presença de Pedro Costa, Ricardo Lopes, Mirian Tavares, Miguel Januário, António Louro, Joana Craveiro, Luís Balula e Pedro Botelho. Uma vez mais os autores pretenderam criar pontes entre meio criativo e a academia, quer através do local e contexto onde se desenvolveu a iniciativa, considerado um dos espaços mais legitimados do panorama artístico de Lisboa (associado a uma criação e a um mais público “alternativo” que se têm mantido longe da “mainstreamização” associada ao Bairro Alto), quer através do cruzamento de intervenientes académicos e artísticos no debate.

O *happening*, que seguia os conceitos explorados nas intervenções anteriores (como as relações entre espaço público vs privado; público vs *artwork*), pretendia introduzir uma “sala de estar” num espaço expectante (neste caso um bar devoluto, entre usos, enquanto aguardava licenciamento para nova actividade no âmbito da restauração) na Rua da Barroca, mesmo que apenas por uma noite, assumindo o conceito chave de explorar a ideia dos diferentes *layers* de codificação existentes nos ambientes criativos, e nos bairros culturais em particular. Com efeito, estes são locais de diversidade por excelência, onde afluem e convivem diferentes pessoas, com vivências, estilos de vida, práticas e representações muito distintas, e onde se cruzam realidades múltiplas a diferentes ritmos, sem que, em muitos casos, os seus diferentes intervenientes se apercebam da sua coexistência, contribuindo esta multiplicidade para uma vitalidade constante às diferentes horas do dia ou nos diversos espaços destes bairros (cf, p.e., Costa e Lopes, 2015).

Assim ao longo de uma noite, os transeuntes que caminhavam na rua eram convidados a entrar no espaço intervencionado e a construir a sua própria exposição, através de um percurso individual, sem segregação de pessoas ou práticas, em que cada visitante era confrontado com as suas auto-representações e com outras representações acerca do Bairro Alto, percebendo através da sua experiência de visita concreta as diferentes camadas de uso e de leitura do território.

Os visitantes eram atraídos pela projecção (realizada a partir de casas de moradores nos prédios adjacentes) de várias fotos, que se sobrepunham na fachada oposta ao edifício onde decorria a intervenção, desenhando uma imagem difusa do Bairro. Mais perto do local, as pessoas vislumbravam uma porta, onde era possível entrar para uma “sala de estar escura”, e uma outra, de onde saíam pessoas ao ritmo dos *flashes* das câmaras fotográficas.

A intervenção sugeria um percurso de exposição invertido. Começava com imagens de pessoas que já tinham sido fotografadas projectadas na parede da “sala de espera” onde recebiam

⁹ <http://beyondvisibleba2012.blogspot.pt/>

lanternas UV (ultra-violeta) para utilizar no interior do *happening*. Em seguida, entrava-se para a “caixa negra”, e aí começavam a descobrir frases, através do percurso que estabelecessem, as quais tinham sido escritas com “tinta invisível” nas paredes interiores, e se tornavam visíveis à medida que uma destas lanternas lhe era apontada. As frases tinham sido recolhidas anteriormente, no âmbito da preparação para este evento, através de entrevistas feitas no Bairro Alto, a diferentes tipos de utilizadores, a diferentes horas do dia e em diferentes locais, e procuravam representar a (diversidade da) imagem da população acerca do bairro. A variedade de frases reproduzidas e a técnica utilizada permitiam que cada utilizador descobrisse coisas diferentes e as interpretasse partindo de diferentes pontos de vista, tal como acontece com a percepção da cidade por parte do seus utilizadores, conforme se constata em estudos clássicos, como os de Lynch (1960). Ao longo da exibição, os visitantes eram surpreendidos por outras intervenções artísticas, como um espaço de performance onde dois actores¹⁰ interagiam com os visitantes (um de cada vez num ambiente intimista de uma divisão escura) falando com eles sobre o Bairro Alto, ou como o “som de fundo”¹¹ construído com sons recolhidos na zona (dando sequência ao trabalho desenvolvido em *Espaços Liminares*) que invadia o espaço saindo de um antigo poço que outrora tinha abastecido de água o edifício. No final da exibição quatro fotógrafos¹² tinham preparado um réplica de um estúdio de fotografia onde fotografavam os participantes, que dessa forma passavam a fazer parte da intervenção artística, não só como espectador e elemento participante, mas também como objecto exibido (pois as suas fotografias, após serem recolhidas por estes fotógrafos, passavam a ser reproduzidas na instalação que iniciava o percurso expositivo). As fotografias tinham como ponto em comum o facto de estarem desfocadas permitindo deste modo uma leitura enviesada para quem se apropriasse das imagens no início da intervenção, explorando-se aqui também as questões da video-vigilância e hiper-exposição que as sociedades contemporâneas apresentam na contemporaneidade, e com que o próprio bairro se confrontava.

Este percurso, provocando o confronto reflexivo das pessoas participantes com a diversidade de representações simbólicas sobre o bairro, com as suas próprias vivências e memórias, e com a multiplicidade de camadas de codificação e de abordagens patentes à vivência de um bairro cultural, permitiu identificar diversas situações de (maior ou menor nível de) reconhecimento individual nas representações sugeridas e questionar e interpelar de forma muito directa os sujeitos sobre a sua consciência acerca da centralidade deste espaço na cidade e acerca da(s) sua(s) diversidade(s).

¹⁰ Performers: Nuno Antunes and Beatriz Henriques

¹¹ Intervenção por marco (lê-se João-pedro-João) (Músicos: JPSheilaq / Pedro Geraldès / João)

¹² Performance fotográfica: Thiago Feitosa / Carolina Mota / Alexandre Abreu / Mariana Cortes



Figura 4: Intervenção “Beyond Visible”, Bairro Alto, R. Barroca, Dez. 2012



Figura 4.1



Figura 4.2



Figura 4.3

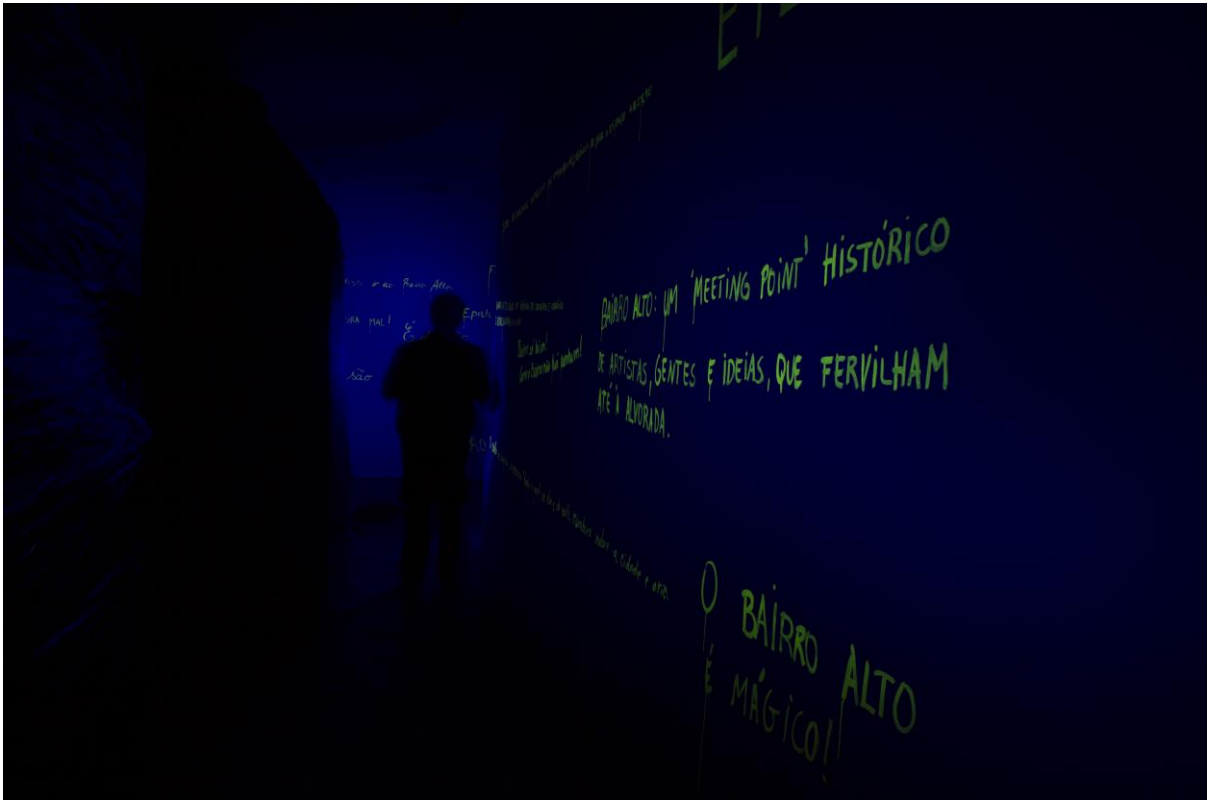


Figura 4.4

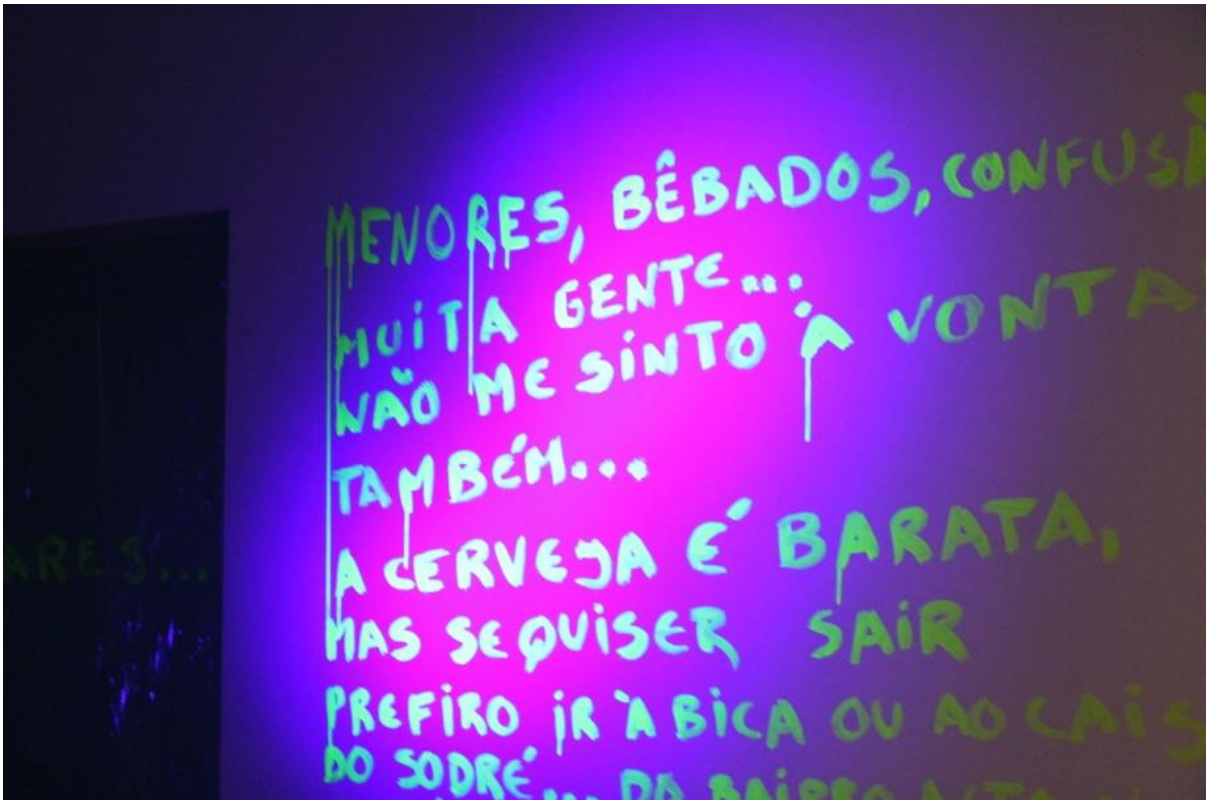


Figura 4.5

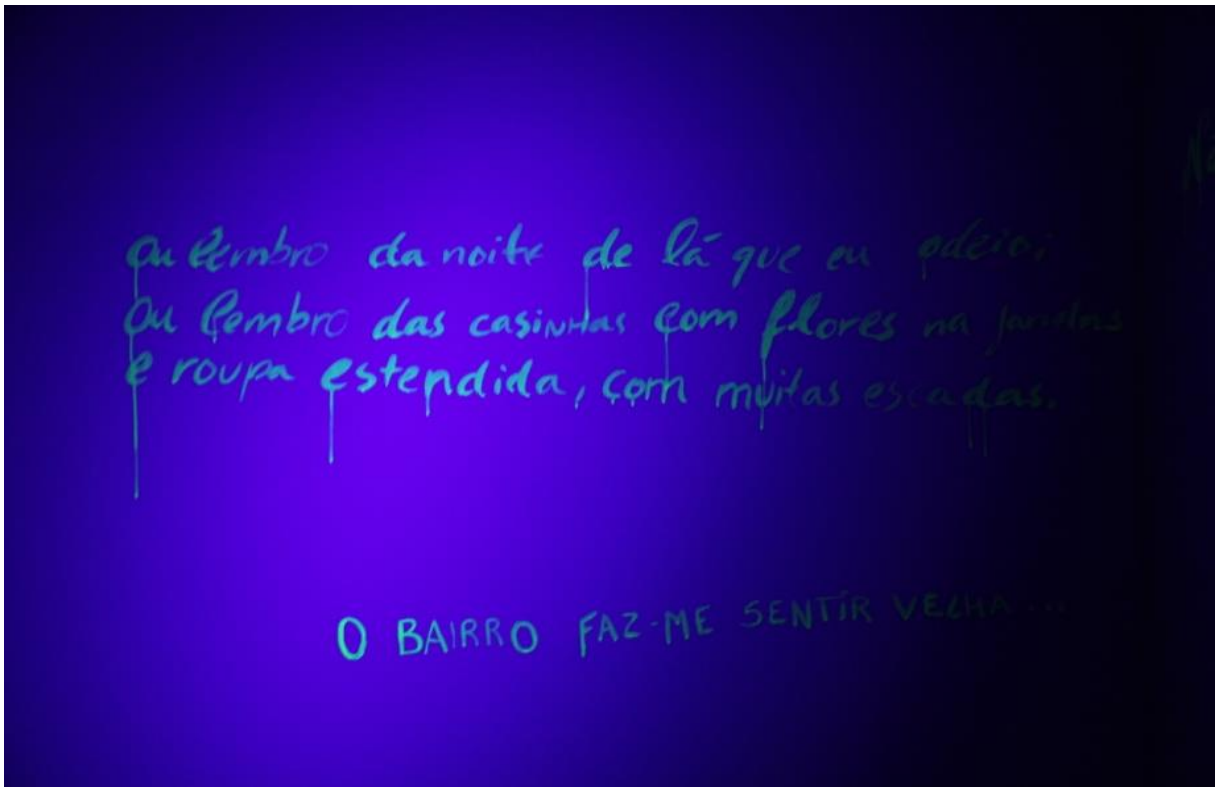


Figura 4.6



Figura 4.7



Figura 4.8

4. ALGUMAS NOTAS CONCLUSIVAS: INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS EFÉMERAS, ABORDAGENS PARTICIPATIVAS NA INVESTIGAÇÃO E CONTRIBUTOS PARA O PLANEAMENTO URBANO

Este artigo procurou discutir como uma abordagem de cariz etnográfico baseada em metodologias participativas pode contribuir para desvendar a complexidade do espaço urbano contemporâneo, através da análise de um conjunto de três intervenções artísticas desenvolvidas pelos investigadores no principal bairro cultural de Lisboa, o Bairro Alto. Partiu-se do princípio de que as intervenções artísticas podem ser uma boa ferramenta a mobilizar no processo de investigação, no sentido de compreender as múltiplas camadas de usos, codificações e segregações que afectam estes espaços, e de, em articulação com a comunidade local e os seus utilizadores, pensar em conjunto sobre os mecanismos que possam contribuir para a sua vitalidade quotidiana e, eventualmente, extrair daqui princípios para pensar a actuação dos planeadores sobre a cidade.

O objectivo primordial deste artigo não seria, portanto, o de dar conta dos efeitos das intervenções realizadas para o meio criativo respectivo, nem da relação destas intervenções com as dinâmicas urbanas e criativas neste território (a esse respeito veja-se Costa e Lopes, 2016), mas antes o de discutir o potencial do instrumental metodológico para o processo de pesquisa e para o planeamento urbano. E com efeito, estas intervenções permitiram perceber como as abordagens ensaiadas apresentam um potencial muito interessante, e ainda bastante pouco explorado, para a produção de conhecimento científico neste campo, e, para além disso, para o fazer numa lógica de comunicação estreita, biunívoca, com a comunidade que será o seu destinatário final.

Como acima se constata, as abordagens artísticas participativas utilizadas neste processo, são essencialmente abordagens “*hands-on*”, construindo o conhecimento através de metodologias de campo que envolvem, por um lado, a criação estética, e por outro, uma cooperação entre “pesquisadores” e “sujeitos da pesquisa”, e mobilizam activamente estas duas vertentes para a construção e verificação dos resultados do processo de investigação. A deslocação do foco do investigador para o objecto de investigação, assumindo uma cooperação ao mesmo nível entre os dois pólos desta relação, permite desafiar e questionar constantemente as ferramentas conceptuais e analíticas do investigador, enriquecendo o processo de pesquisa.

Neste quadro, a criação/fruição artística (vista através dos olhos desta cooperação entre investigador e objecto) permite explorar a experienciação urbana e as causas e consequências das dinâmicas urbanas associadas a uma determinada intervenção urbana, de forma inovadora, procurando resultados que seriam inatingíveis com abordagens mais clássicas.

Foi isso que foi feito no Bairro Alto através destas três experiências, estabelecendo “novos” diálogos com um bairro cultural, através da intervenção urbana. Foram exploradas abordagens participativas

baseadas em diferentes disciplinas artísticas, permitindo testar por diversas vias um conjunto de ideias em relação às lógicas de apropriação do espaço, às dinâmicas de liminaridade e de conflito verificadas, e à capacidade de vitalização urbana latente neste território. Por um lado, estas intervenções permitiram-nos recolher informação extra, que muitas vezes ficaria oculta em processos assentes em metodologias mais convencionais, gerando informação preciosa, complementar à mobilizada por outras fontes e recursos que têm sido aplicados em paralelo pelos autores neste programa de investigação. Por outro lado, estas abordagens permitiram-nos devolver resultados à comunidade confrontando-a em diversos momentos com alguns dos resultados da pesquisa (e voltar a recolher nova informação, a cada novo confronto), num processo interactivo que estamos convictos que reforça em muito o processo de (co-)criação de conhecimento, bem como as boas práticas de disseminação dos resultados da produção científica para a comunidade.

Em termos mais concretos, o trabalho efectuado permitiu-nos aprofundar, conceptual e empiricamente, a relação entre (i) os pressupostos da vitalidade urbana, (ii) as dinâmicas de conflito e as lógicas de informalidade e (iii) os mecanismos de liminaridade e de distinção no campo cultural, para o caso concreto do Bairro Alto, no âmbito do programa de pesquisa que temos vindo a desenvolver sobre a territorialização das dinâmicas criativas contemporâneas. Fica claro o potencial das abordagens participativas artísticas para esta análise, e em particular a importância da intervenção artística de microescala, ou mais efémera, muitas vezes assente em dinâmicas transitórias ou de informalidade. Partindo muitas vezes de uma base “informal” ou até “ilegal”, estes projectos surgem na cidade com a mesma facilidade com que desaparecem, permitindo no entanto uma experimentação de conceitos que seriam mais difíceis de testar e discutir através de “obras” mais perenes, e levantando novos desafios e potencialidades aos processos de planeamento urbano. Em paralelo, estas abordagens permitem equacionar o papel deste tipo de intervenções nos processos de desenvolvimento territorial, evidenciando, por um lado a complexidade dos mecanismos a elas inerentes (implicando a gestão de atributos simbólicos delas decorrentes, para os artistas, para as intervenções, para os lugares; bem como a gestão da rede intensa de motivações, interesses e conflitos de uso que lhes estão inerentes), e por outro lado, o potencial e possibilidades de utilização (e de instrumentalização) em processos de desenvolvimento (cf Costa e Lopes, 2016, para mais detalhes em relação a estes aspectos).

De forma mais genérica, um entendimento mais profundo das dinâmicas criativas de base territorial aqui analisadas, por contraste com a “agenda criativa” que tem dominado muita da análise académica e do *policy making* neste campo nos anos mais recentes (cf, p.e, Scott 2006, 2014), sugeriria pensar uma nova agenda do planeamento para lidar com as dinâmicas criativas urbanas e os bairros culturais. Não temos aqui essa ambição, mas três noções parecem-nos centrais a retirar da reflexão aqui encetada: (i) a importância da atenção a estas questões (informalidade, conflito, liminaridade, etc.), quando lidando com as dinâmicas criativas; (ii) a relevância de perceber as

especificidades de cada sistema territorial, dos seus actores, dos recursos locais, dos mecanismos de governança; e (iii) a importância da abertura à informalidade, de criação de espaços para a liminaridade, e de menos institucionalização (cf Costa e Lopes, 2016).

E para cada um destes aspectos (e por causa de cada um deles...) o recurso a este tipo de abordagens metodológicas na investigação abre-nos um campo que importará continuar a explorar no futuro. Elas dão-nos instrumentos que nos permitem testar e aprofundar analiticamente estas dimensões mais intangíveis e territorializadas da vitalização urbana, seja no campo dos efeitos materiais que estas intervenções proporcionam seja no campo do simbólico e dos efeitos de intermediação e *gatekeeping* que elas, por mais efémeras ou permanentes que sejam, produzem. Mas elas dão-nos igualmente, por outro lado, um poder de trabalhar a reflexividade, a consciencialização e a capacitação das diversas comunidades envolvidas, aos mais diversos níveis, através de processos de co-criação e acumulação de conhecimento, que não seriam possíveis através de métodos de pesquisa mais convencionais. Por agora fica a intenção de continuar certamente a explorar o potencial heurístico deste tipo de abordagens e de continuar a abrir pontes entre os processos de criação artística e os mecanismos de investigação científica, bem como a vontade de continuar a promover o envolvimento da comunidade em processos reflexivos de construção de conhecimento, não apenas como receptores e destinatários finais do *output* da investigação feita por “cientistas” mas como co-criadores e co-receptores (e co-intérpretes) do conhecimento produzido através destas dinâmicas de investigação-acção sobre a realidade.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER C. (2011), “Making Bengali Brick Lane: claiming and contesting space in East London”, *The British Journal of Sociology*, Vol. 62, Issue 2, 201–220.

ARANTES A. (1997), “A guerra dos lugares: fronteiras simbólicas e liminaridade no espaço urbano de São Paulo”. In Fortuna, Carlos (org.), *Cidade, Cultura e Globalização – Ensaio de Sociologia*, Oeiras, Celta, pp. 259-270.

BADER I., Bialluch M. (2009), “Gentrification and the Creative Class in Berlin-Kreuzberg”, in Porter L., Shaw K. (eds.). *Whose Urban Renaissance: An international comparison of urban regeneration strategies*. Routledge, 93-102.

BALULA L. (2010), Espaço público e criatividade urbana: A dinâmica dos lugares em três bairros culturais. *Cidades, Comunidades e Territórios*, nº20/21, Dezembro 2010, pp. 43-58.

Bell D., Jayne M. (eds) (2004), *City of Quarters: Urban Villages in the Contemporary City*. Aldershot: Ashgate.

CAMAGNI R., Maillat D., Matteaccioli A. (Eds.) (2004), *Ressources naturelles et culturelles, milieux et développement local*. Neuchatel: EDES.

CAMPOS, R., A. Mubi Brighenti, L. Spinelli (2011), *Uma cidade de imagens: Produções e consumos visuais em meios urbanos*. Lisboa, Editora Mundos Sociais

CARTIERE C., Willis S. (2008), *The Practice of Public Art*. New York: Routledge

CAVES R. (2002), *Creative Industries: Contracts between Art and Commerce*. Cambridge /London: Harvard University Press.

COOKE P., Lazzarotti L. org. (2008), *Creative cities, cultural clusters and local development*. Cheltenham: Edward Elgar.

COSTA, P. (2007), *A cultura em Lisboa: competitividade e desenvolvimento territorial*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

COSTA, P. (2009), *Bairro Alto – Chiado: Efeitos de meio e desenvolvimento sustentável de um bairro cultural*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – DPPC.

COSTA, P. (2012), “Gatekeeping processes, reputation building and creative milieus: evidence from case studies in Lisboa, Barcelona and São Paulo”, in Lazzarotti, L (Ed.), *Creative industries and innovation in Europe: Concepts, measures and comparative case studies*, Routledge, pp. 286-306.

COSTA, P. (2013), *Bairro Alto Revisited: Reputation and Symbolic Assets as Drivers for Sustainable Innovation in the City*, DINAMIA-CET Working Paper n° 2013/14.

COSTA, P. (2015), “Cultural districts and the evolving geographies of underground music scenes: dealing with Bairro Alto’s mainstreaming”, in Guerra, Paula; Moreira, Tânia (eds.) *Keep it Simple, Make it Fast! An approach to underground music scenes*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras, pp. 591-605.

COSTA P, Magalhães M., Vasconcelos B., Sugahara G. (2008), “On ‘Creative Cities’ governance models: a comparative approach”. *The Service Industries Journal* , Vol. 28, n°3-4, April-May 2008, pp. 393-413.

COSTA, P., Vasconcelos B., Sugahara G. (2011), “The urban milieu and the genesis of creativity in cultural activities: An introductory framework for the analysis of urban creative dynamics”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, N° 22, Dezembro 2011, pp. 3-21

COSTA, P., Lopes, R. (2011), “Padrões locativos intrametropolitanos do cluster da cultura: a territorialidade das actividades culturais em Lisboa, Barcelona e São Paulo”, *REDIGE – Revista de Design, Inovação e Gestão Estratégica*, Vol. 2, n. 02, 2011, pp. 196-244

COSTA, P., Lopes, R., (2013). “Artistic intervention in public sphere, conflict and urban informality: an international comparative approach to informal dynamics in cultural districts”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, n° 2, Junho de 2013.

COSTA, P., Lopes, R. (2014) *Is street art institutionalizable? Challenges to an alternative urban policy in Lisbon*. DINAMIA’CET Working Paper 2014 /08.

COSTA, P., Lopes, R. (2015) *Urban Design, Public Space and the Dynamics of Creative Milieus: A Photographic Approach to Bairro Alto (Lisbon), Gràcia (Barcelona) and Vila Madalena (São Paulo)*, *Journal of Urban Design*, 20:1, 28-51.

- COSTA, P., Lopes, R. (2016, forthcoming), “Artistic Urban Interventions, Informality and Public Sphere: Research Insights from Ephemeral Urban Appropriations on a Cultural District” (submetido para publicação a uma revista científica).
- EVANS G. (2009), “Creative cities, creative spaces and urban policy”, *Urban Studies* 46. 1003-1040.
- FLEW T., Cunningham S. (2010), *Creative Industries after the First Decade of Debate. The information Society*, 26: 113-123.
- FLORIDA R. (2002), *The rise of the creative class*. New York: Basic Books.
- GARCÍA B. (2004), *Cultural Policy and Urban Regeneration in Western European Cities: Lessons from Experience, Prospects for the Future*. *Local Economy*, Vol. 19, No 4, 312-326.
- GEHL J. (1987), *Life between buildings: using public space*. New York: Van Nostrand, New York.
- HALL P. (2000), *Creative cities and economic development*. In *Urban Studies*, 37 (4), 639-649.
- HEALEY P. (2004), *Creativity and urban governance*. *DISP*, 158, 11-20.
- HEEBELS B., Aalst, I. (2010). “Creative Clusters in Berlin: Entrepreneurship and the Quality of Place in Prenzlauer Berg and Kreuzberg”. *Geografiska Annaler: Series B*, Vol. 92, Issue 4, 347–363.
- HOSPERS G.-J. (2003), *Creative cities: breending places in knowledge economy*. *Technology, & Policy*, 16(3), pp.143-62.
- JACOBS, J., (1989 (1961)), *The Death and life of American Cities*. New York: Vintage Books, a Division Random House.
- KUNZMANN K. (2004), *An Agenda for Creative Governance in City Regions*. *DISP*, 158, 5-10
- LANDRY C. (2000), *The Creative City: a toolkit for urban innovators*. London: Comedia /Earthscan.
- LEFEBVRE H. (1991), *The production of space*. Cambridge, Mass: Blackwell Publishers.
- LOPES R. (2012), *Intervenções artísticas efémeras e apropriação de espaço público em contextos urbanos informais: análise de cinco “bairros criativos”*: Bairro Alto e Cais do Sodré, Gràcia, Vila Madalena, Brick Lane e Kreuzberg SO36, ISCTE-IUL, Lisboa.

LOPES R. (2015), Do Bairro Alto ao Cais do Sodré. Criatividade, informalidade e recomposição física, social, funcional e económica. Revista Rossio estudos de Lisboa, nº4.

MARKUSEN A. (2006), “Urban development and the Politics of a Creative Class: Evidence from the Study of Artists. Environment and Planning A, Vol. 38, No. 10:1921-1940.

MARKUSEN A. (2007), “The Urban Core as Cultural Sticky Place”, in Henckel, D., E. Pahl-Weber, & B. Herkommer (eds). Time Space Places. Berlin: Peter Lang Verlag.

MARZONA, (2005.) D. Minimal Art. Colónia: Taschen, Mendizábal E. (2010), “Una posible geografía de las identidades de Barcelona. El caso del barrio de la vila de Gràcia”. Finisterra, XLV, 90, 2010, 91-109.

MILES M. (1997), Art, space and the city – Public art and urban futures. London: Routledge.

OAKLEY K., Pratt A.C. (2010), “Brick Lane: community-driven innovation”. In NESTA, Local Knowledge: Case studies of four innovative places. Research Report, March 2010, NESTA. London, National Endowment for Science, Technology and Arts, pp. 28-39.

O'CONNOR J., Wynne D. (ed.). (1996), From the Margins to the Centre: Cultural production and consumption in the post-industrial city. Aldershot: Arena.

PORTER L., Shaw K. (eds) (2009), Whose Urban Renaissance: An international comparison of urban regeneration strategies. Routledge.

POWER D., Scott A.J. (Ed.) (2004), Cultural Industries and the production of culture, Routledge: London / New York.

PRATT A.C. (2009), ““Urban regeneration: from the arts ‘feel good’ factor to the cultural economy. A case study of Hoxton, London.”, Urban Studies, May 2009, vol. 46 no. 5-6 1041-1061

PRATT A.C., Hutton T. (2013), “Reconceptualising the relationship between the creative economy and the city: Learning from the financial crisis”, Cities, Vol. 33, August 2013, 86–95.

SCOTT A.J. (2000), The Cultural Economy of Cities. New Delhi, London- Thousand Oaks: Sage.

SCOTT A.J. (2006), Creative Cities: Conceptual issues and Policy Questions. Journal of Urban Affairs, Volume 28, Number 1, pp. 1-17.

SCOTT A.J. (2014) *Beyond the Creative City: Cognitive–Cultural Capitalism and the New Urbanism*, *Regional Studies*, 48:4, 565-578.

SEIXAS J., Costa P. (2010), “Criatividade e governança na cidade contemporânea: a conjugação de dois conceitos poliédricos e complementares”. *Cidades, Comunidades e Territórios*, Nº 20-21, Dezembro 2010, pp. 27-41

SPRINGER B. (2006), “Art as a Medium of Urban Upgrading – The ‘Heeresbäckerei’ in Berlin-Kreuzberg Contrasted to ‘Zim’ in Rotterdam”, *Tijdschrift voor economische en sociale geografie*, Vol. 97, Issue 5, 610–616.

TRAQUINO, M. (2010), *A construção do lugar pela arte contemporânea*. Ribeirão, Portugal: Húmus.

WHITE, W. (1980), *The social life of small urban spaces*. Washington: The Conservation Foundation.